

Territorialidades Funkeiras em Belo Horizonte e a Praça da Liberdade como ponto de encontro ¹

Crislaine Custódia Rosa
Universidade Federal de Juiz de Fora
custodiacrislaine@gmail.com

Marcelo Henrique de Sá
Universidade Federal de Juiz de Fora
marcelohsa81@gmail.com

RESUMO

O presente artigo surge a partir do processo de observação e pesquisa bibliográfica para a construção da dissertação de mestrado. Neste, discutiremos a Praça da Liberdade enquanto ponto de encontro para a Juventude Funkeira de Belo Horizonte que dança o Passinho Malado de BH. A territorialização desta juventude no território da Praça da Liberdade é envolto por disputas, tensões e conflitos, bem como as trocas simbólicas inerentes aos corpos dessa juventude neste espaço. Pontuamos no presente trabalho algumas das nuances que envolvem este espaço, seus processos e conflitos.

Palavras Chave: Juventude Funkeira - Funk - Praça da Liberdade - Jovens Negros

GT 11: Práticas culturais na produção da cidade

INTRODUÇÃO

O cenário cultural da cidade de Belo Horizonte, é marcado pelas práticas e costumes em torno dos usos dos territórios, compostos pela pluralidade de grupos urbanos, políticos e sociais. A dinâmica da cidade se modifica, se confronta e se comunica a partir da movimentação das representações simbólicas destes grupos. “A cultura é o encontro de saberes e fazeres na pluralidade da vida social. Portanto, devemos considerar que a cultura se constrói no movimento próprio das relações dos indivíduos entre si e com a experiência de realização da vida, promovendo a significação do ser no mundo” (Babosa, 2014b, p.221).

A Praça da Liberdade simboliza no imaginário belorizontino um lugar de cultura e desta forma ocupado pelas diferentes culturas juvenis para além das atividades culturais

¹ Orientadora: Clarice Cassab. Universidade Federal de Juiz de Fora. claricecassab@ufjf.br

remanescentes. Trazemos para essa discussão a territorialização da juventude funkeira na Praça da Liberdade. As representações em torno da juventude funkeira, nos convidam a pensar todas as nuances que envolvem esse espaço, seus processos e conflitos. Trazemos o objetivo de refletir acerca da utilização desse espaço pela juventude funkeira e sua territorialização presentes na ocupação da Praça da Liberdade, expondo algumas das nuances que dialogam neste espaço.

Os funkeiros, enquanto uma cultura urbana “constroem seu estilo nas ruas (...), esses espaços configuram-se sociabilidades, desenvolvem-se trajetórias e elaboram-se sentidos e territórios” (Herschmann, 2002, p.129), os sentidos, identidades e valores dessa juventude é dado a partir do funk, e assim desenvolvem territorialidades e interações com a cidade.

Para discussão a partir da Praça da Liberdade, consideramos importante refletir acerca de três pontos:

- A Praça da Liberdade, Seus usos e Ocupações; como forma de contextualizar o leitor sobre o panorama cultural, histórico e paisagístico envolto no imaginário da Praça da Liberdade.
- Dinâmicas Funkeiras na Praça da Liberdade; pontuamos neste tópico, a partir da metodologia de observação usada para a dissertação, fatores acerca da sociabilidade desta juventude e dos conflitos observados.
- Juventude Funkeira, Territorialidades Negras; a fim de discutir pontos importantes sobre a corporalidade desta juventude, e como ela se territorializa enquanto cultura urbana no espaço público.

Consideramos que apresentando dessa forma nossos pontos, possa ser possível apresentar de forma plural, parte da dinâmica que envolve a territorialização dessa juventude na Praça da Liberdade. Desta forma, nos é possível apresentar o aparato do segmento turístico manifestado pelo Circuito Liberdade e seu arcabouço histórico, cultural e paisagístico, unindo passado e presente.

PRAÇA DA LIBERDADE, SEUS USOS E OCUPAÇÕES

A cidade de Belo Horizonte, surge enquanto nova capital mineira como uma cidade planejada surgida poucos anos após a Proclamação da República por Deodoro da Fonseca em 1889, sendo este um novo Regime Político. Assim, a cidade tem como ideal ser uma metrópole, “não somente para Minas Gerais, mas da República” (Passos, 2009, p. 39). Belo Horizonte,

projetada pelo engenheiro Aarão Reis com o intuito de que aquela tivesse “características de uma cidade moderna” (PASSOS, 2009, p. 44), e desta forma, dividiu a cidade em três zonas:

A zona urbana que constituía o espaço moderno e ordenado reservado para as elites mineiras. Possuía avenidas largas, retas, geométricas, infra-estrutura sanitária e técnica, área que deveria ser espelho das cidades mais modernas do mundo; a zona suburbana, fora dos limites da Avenida do Contorno que funcionava como uma fronteira que separava a vida urbana da suburbana, onde as moradias eram sofríveis e os serviços precários; e, por fim, a zona rural, um cinturão verde, onde se localizam os núcleos coloniais que abasteceriam a Capital de frutas, legumes, verduras e matéria prima para a sua construção. (Oliveira, 2004, p. 34-35)

Este modelo de cidade moderna conforme citado por Maia e Fortuna (2009), comum no século XIX e que ditava o contexto das relações sociais, o que não foi diferente na formação da cidade de Belo Horizonte, não permitindo as camadas populares da cidade em seu projeto construído dentro da Avenida do Contorno, sendo este apenas um local de trânsito. A Praça situa-se onde antes encontrava a sede do poder do Estado de Minas Gerais, é significativo e urgente discutirmos as reapropriações deste espaço na contemporaneidade.

A Praça da Liberdade situa-se na Região Norte de Belo Horizonte, onde até o ano de 2010 encontrava-se a sede do governo do Estado de Minas Gerais e atualmente é marcado pela visitação turística, agora chamado “Circuito Liberdade”, rota cultural de museus. Dentre eles estão os que compõem o conjunto arquitetônico da Praça estão CCBB (Circuito Cultural Banco do Brasil), Museu das Minas e do Metal e o Espaço do Conhecimento da UFMG, Rainha da Sucata, Memorial Minas Gerais, Palácio da Liberdade e Casa do Patrimônio Cultural de Minas Gerais, conforme apresenta a figura abaixo.

Entorno da Praça da Liberdade



Imagem: Portal Circuito Liberdade

Imagem 01: Entorno da Praça da Liberdade.

Fonte: Portal Circuito Liberdade.

Pensando no consumo, a infra-estrutura envolta à Praça da Liberdade e sua reutilização contribui para o desenvolvimento do segmento Turismo Cultural, centralizando a cena cultural composta pelos Museus do Circuito e refletindo na valorização de demais setores do ramo imobiliário e demais empreendimentos do entorno. Para Zukin (1996), a paisagem urbana pós-moderna diz respeito à restauração e à renovação de lugares.

O consumo da paisagem histórica urbana presente na Praça da Liberdade, contrasta com o vernacular, sendo este caracterizado com os diversos usos do espaço especificado nas manifestações culturais presentes. A paisagem histórica representada pelos prédios, outrora sede do Governo do Estado de Minas Gerais, é reutilizada como museus que compõem circuitos culturais da cidade de Belo Horizonte. Assim, a Praça tem sua ocupação marcada por consumidores primários como artistas, grupos juvenis e turistas, assim reivindicam o direito alternativo a essa área, se apropriando deste espaço para um consumo cultural.

A nova identidade cultural assumida pela Praça da Liberdade toma forma sobre como essa cultura será produzida e qual público atingir com este movimento. Neste sentido, este espaço enquanto praça pública engloba diversas outras manifestações culturais não estipuladas pelo poder público, mas pelo uso público do espaço. Por Zukin (2000), consideramos o espaço como um meio dinâmico, que exerce influência não somente sobre a história mas também é moldado pela ação humana e paisagem como uma ordem espacial imposta ao ambiente, seja ele construído ou natural.

O Turismo Cultural, assim como os demais segmentos da atividade turística, é caracterizado pela oferta e demanda, desta forma, o turista que busca este tipo de experiência, consome espaços e atrações delimitadas por tal oferta, podendo ser caracterizado também por bens edificados, sendo estas previamente definidas como culturais (McKercher e Du Cros, 2003). Um fato a se observar para o futuro, é o aproveitamento desta área enquanto provedora de um Turismo Cultural, que cria atrações culturais destinadas ao consumo do turismo e promove a cultura local, qual será o rendimento econômico deste segmento para a área, bem como a motivação, tendo em vista que é uma atividade que gera renda, enobrece e gera recursos, além de especulação imobiliária (Harvey, 2003).

A cidade se tornou a centralidade da modernidade. (...)Pode-se argumentar que o espaço urbano ao concentrar equipamentos (museus, teatros, cinemas, universidades, parques e estádios) e produtos tangíveis e intangíveis (sonoros, visuais, picturais e memoriais) responde pela realização dos mercados de produção e consumo cultural. (Barbosa, 2014, p.218)

Com os apontamentos trazidos até aqui sobre o Turismo Cultural sistematizado pelas atrações oferecidas pelo setor, buscamos agora contrastar com a ocupação e territorialização desse espaço por uma nova atividade trazida pelos sujeitos funkeiros, que ao ocuparem a Praça da Liberdade representam a cultura urbana.

A ocupação do espaço público da Praça da Liberdade pelos funkeiros a partir de sua dinâmica corpórea entre os sujeitos funkeiros e os demais grupos sociais que estão no mesmo espaço, dialogam de diferentes formas, tendo em vista que para além da visita. Os os corpos desta juventude percorrem entre o popular e o periférico, e também pelo negro causando diferenciação ao territorializarem aquele espaço. O fato de que o corpo negro não está

relacionado ao corpo que consome o conhecimento ofertado por aquele segmento turístico cultural e àquele bairro nos faz pensar sobre a pluralidade das culturas urbanas e como a cultura, de fato, abre portas, como veremos nos próximos tópicos.

DINÂMICAS FUNKEIRAS NA PRAÇA DA LIBERDADE

Para a discussão sobre as distintas culturas juvenis existentes trazemos como referência Feixa (2008), quando usamos o termo “culturas juvenis” a fim de valorizar as expressões culturais da juventude. Alterando “a maneira de olhar” tais manifestações como um problema e marginalizando as juventudes, e em contraponto voltando o olhar para a identidade, a vida cotidiana e aos sujeitos e suas práticas. Neste sentido, abordamos neste contexto a juventude funkeira que se encontra na Praça da Liberdade para ensaios do passinho de BH, a partir do Funk.

O funk na cidade de Belo Horizonte vem ganhando espaço em âmbito nacional, muito ocasionado pelas redes sociais nos últimos tempos. Junto ao beat vem a dança, e assim os jovens malados criam sua identificação. O “passinho malado de BH”, é um dos muitos passinhos dançados pelos grupos juvenis funkeiros de Belo Horizonte, e seus pontos de interação são comuns para a juventude da cidade. A partir do grupo juvenil acompanhado, sendo estes jovens pretos e pardos e que grande parte do grupo parte de bairros periféricos e da Região Metropolitana para se encontrar aos sábados na Praça da Liberdade e em alguns domingos do mês, no Viaduto Santa Tereza.

Sobre a formação da cidade Belo Horizonte, Passos (2009, p. 48) nos apresenta a quem servia esta região de Belo Horizonte

Portanto, a área Central, especificamente o bairro dos Funcionários e as partes altas, próximas às ruas da Bahia, Rio de Janeiro e Espírito Santo, acabou se tornando o lugar das elites, que construíram suas residências, faziam seus negócios e desfrutavam o seu lazer. Os pobres também estavam localizados na área Central, porém ficavam restritos apenas ao Barro Preto, ao bairro do Quartel (atual Santa Efigênia) e ao bairro do Comércio (atual Hipercentro, ou Centro da cidade).

Trouxemos essa referência sobre a formação da cidade, como forma de situar o leitor sobre qual a parte da cidade estamos falando, e assim envolvê-lo em nosso ambiente de

pesquisa a partir de um breve contexto histórico e assim contextualizarmos também sobre a qual área da cidade falamos e o movimento dos sujeitos.

Os sujeitos funkeiros estão associados aos marcadores sociais da diferença experienciam a capital mineira de diferentes formas. No cenário observado até o momento a partir de um diário de campo para a construção da dissertação, os conflitos entre os grupos de funkeiros e os demais frequentadores deste espaço iniciam de forma velada e quando há a interação do Estado enquanto Polícia Militar ou Guarda Municipal os contatos passam a ser físicos e ameaçadores. São nítidos para os sujeitos seus olhares e falas repressivas, como quando pedem para desligar o som, assim como os olhares de estranhamento pela prática desses jovens em um bairro de classe média. O corpo e a prática negra desta juventude marca esse espaço, muito mais que os demais grupos que ali se encontram. Nos encontros presenciais com esses jovens a partir da metodologia da observação participativa, a presença e repressão de órgãos do Estado foi o conflito físico e agressivo.

A ocupação do espaço público da Praça da Liberdade pelos funkeiros destaca-se, pelas sociabilidades presentes nas interações entre os sujeitos funkeiros e o objetivo comum dos mesmos, os demais grupos sociais que estão neste espaço e a forma que ocupam o espaço e dialogam de diferentes formas. Vale ressaltar que, para além da visitação, a praça encontra-se em uma região privilegiada da cidade, e os corpos negros desta juventude causam estranhamento ao territorializarem aquele espaço, conforme representa a imagem abaixo:



Imagem 02: Ensaio de passinho na Praça da Liberdade.

Fonte: Crislaine Rosa

A partir da imagem acima, podemos refletir brevemente sobre a identidade trazida por esses jovens e seus signos e símbolos carregados. Rosa (2021), aponta a importância da identidade desde a música à maneira de vestir dos funkeiros, e como esses são sua forma de expressão e identificação desse grupo, o que é uma característica das culturas urbanas juvenis. Hall (2003, p. 324), o estilo, a música e o corpo negro irrompem novas estratégias subterrâneas de recodificação e transcodificação da cultura, bem como significação crítica e como um ato de significar a partir de materiais preexistentes.

O fato de que o corpo negro não estar relacionado ao corpo que consome o conhecimento ofertado por aquele segmento turístico cultural, além do fato de estarem em um bairro onde reside a branquitude, são alguns dos questionamentos sobre qual o tipo de cultura é aceita naquele espaço? As culturas juvenis, bem como as culturas urbanas em suas pluralidades, nos apontam cenários da diferença, Barbosa (2014b, p.221) afirma que “cultura é ato e potência da diferença em espaços socialmente ordenados em hierarquias de consumo de bens simbólicos, geralmente fundados em árbitros de superioridade social (e, não raras

vezes, racial?)”. Observando a forma como se dão essas dinâmicas, a dimensão racial da prática do passinho nos traz à discussão das territorialidades negras que esses sujeitos produzem.

JUVENTUDE FUNKEIRA, TERRITORIALIDADES NEGRAS

A inserção da juventude funkeira e suas práticas no espaço urbano inserem territorialidades, e assim novas formas de interação na cidade, assim, jovens de diversas partes da cidade escolhem um ponto de encontro comum e introduzem uma nova dinâmica para aquele espaço. Essas territorialidades se caracterizam enquanto ocupações físicas e simbólicas da cidade, lugares onde antes esses sujeitos estavam praticamente excluídos e agora são ocupados de forma transitória por esses jovens, sendo possível discutir a coexistência entre segmentos sociais que atuam na dinâmica cultural da cidade. (Herschmann, 2002).

Entendemos o funk como um movimento articulador de vivências juvenis e consequentemente produtor de territorialidades, ou seja, as construções de territorialidades pelos jovens funkeiros possuem seus próprios contextos socioespaciais, em que, através da identidade construída com o grupo será possível criar diversas possibilidades de atuação, e também algumas limitações. Barbosa, (2014 p.132) dirá que através da relação entre identidade e território é possível analisar a “possibilidade permanente das trocas simbólicas e materiais que a produção/fruição da cultura proporciona. É nesse movimento que os sujeitos se reconhecem e se afirmam como criadores do seu ser-no-mundo”.

Grosso (2017), enfatiza que em uma sociedade complexa e diversa como a nossa, é impossível a existência de uma única juventude, portanto juventude é compreendida no plural. A partir dessa concepção é possível analisar juventudes em suas variadas possibilidades de viver, condições sociais e espaciais, suas formas de expressões culturais, construções de territorialidades entre outros. Cardoso e Neto (2011, p.3) afirmam que “a abordagem pluralista enfatiza os sistemas de interação específicos, em que os/as jovens estão situados, e que interferem em suas trajetórias de vida, de modo que esses/as produzam respostas bastante diversificadas às questões que lhes afligem”.

Neste sentido, as experiências juvenis são heterogêneas, sendo produzidas a partir das diversas experiências dos jovens, de acordo com a sua identidade racial, classe, gênero, localidade, sexualidade, contexto histórico-social entre outros.

Os sujeitos funkeiros que acompanhamos, possuem o espaço como elemento que define

sua condição juvenil. Cassab (2016), nos ensina que a juventude se produz relacionada diretamente como os jovens se estabelecem com o espaço, possuindo suas diferentes formas de espacialidade, maneiras de relacionar e representar a cidade, usos distintos e desiguais, lugares que vão frequentar e os que não frequentam, são formas que demonstram a vasta relação espacial que compõe as juventudes.

A apropriação da cidade pelos jovens constitui um dos elementos estruturantes de suas identidades, contribuindo também para o pleno exercício de sua cidadania. Deste modo, segundo Cavalcanti, (2015), é na cidade onde os jovens realizam leituras e escrevem suas histórias, suas vidas e suas concepções sobre ela. Portanto, a espacialidade na cidade é expressa nas relações desenvolvidas pelos/entre jovens que nela vivem. Neste sentido, os jovens participam das práticas socioespaciais formadoras de território na cidade.

Portanto, os jovens funkeiros possuem também sua relação de espacialidade com a cidade, no qual segundo Cardoso, Neto (2011) é no espaço urbano que é apresentado vários caminhos em direção ao protagonismo e afirmação desses jovens como sujeitos políticos. Esse protagonismo, na perspectiva de Dayrell, (2007), pode ser apresentado através das dimensões simbólica e expressiva, como a música e a dança, através delas esses jovens se posicionam diante da sociedade.

A música e a dança como representações culturais estão relacionadas diretamente com a construção de territorialidades. Haesbaert, (2007), enfatiza que a construção de territorialidade está relacionada com os aspectos culturais, no qual se apresenta dentro de um plano simbólico, ou seja, existe uma relação entre a dimensão material com a dimensão das representações contidas do território. Barbosa, (2014 p.131), aponta que “no território estão as cristalizações de símbolos de memórias e de valores que encarnam o sentido de cultura”. Neste sentido, ao que se refere a construção de territorialidades pelos jovens funkeiros, é correto afirmar, que essas expressões culturais da juventude são espelhos do seu tempo (Herschmann, 2002), isto significa que elas trazem as problemáticas e questionamentos atuais, principalmente ao que diz respeito a estigmatização do funk atrelado ao racismo e classismo.

Assim sendo, o presente histórico reflete marcas do passado, no qual ensina que o racismo se estabelece e fortalece no tempo e espaço, graças a manutenção de ideologias enraizadas como marcas na sociedade (Guimarães, 2015). Portanto, entender o histórico no funk é compreender que ele carrega marcas e estigmas causados pelo racismo, neste sentido a construção de territorialidade pelos jovens funkeiros é também uma territorialidade negra.

Portanto, raça e racismo definem esses espaços, principalmente pelo contexto em que a negritude é vista como marginalizada no histórico de conflitos pelo espaço. Nesta perspectiva, ressalta-se o histórico de restrições que a população negra sofreu na apropriação e uso das cidades, principalmente ao que diz respeito às suas práticas culturais, evidenciando a existência de um ideal higienista que possibilitasse a implantação de uma supremacia racial branca, no qual trazia ideias de inferioridade desse grupo.

Compreender as territorialidades dos jovens funkeiros, sendo também negras, faz com que seja possível entendermos e analisarmos as tensões que a construção e manutenção desses territórios causam. Essas tensões estão relacionadas principalmente pela estigmatização referente principalmente aos corpos negros e sua presença na cidade expressa, por exemplo, suas práticas culturais, como é o caso do Funk e das territorialidades negras que são representadas como espaços de crime e pobreza.

Essa estigmatização das culturas e territorialidades relacionadas à população negra, segue a lógica genocida apresentada por Abdias dos Nascimento, (2017), no qual existe uma tentativa de apagamento/repressão/ocultamento tanto material como simbólico da negritude. Assim sendo, as territorialidades negras atreladas ao funk no Brasil, vem sofrendo historicamente com essa lógica, tendo como principais agentes ativos nesse processo o Estado e o Capital Imobiliário.

O Capital Imobiliário, atuando através da especulação imobiliária e visando seus interesses, busca a valorização ou desvalorização desses locais, feita por uma classe que domina economicamente, politicamente e de forma ideológica, em que possuem poder de promover distintos territórios de sociabilidade para diferentes grupos sociais. Cabe ressaltar que muitos dos casos Estado e Capital imobiliário atuam em conjunto através de uma lógica comum.

O Estado, por meio do racismo institucional, produz/reproduz e aplica violência contra esses territórios, sendo possível nos últimos anos enumerar vários exemplos dessa atuação, destacando aqui um caso recente da atuação do Estado através da Polícia Militar em um baile funk em Paraisópolis-SP, no qual a ação truculenta e sem preparo acarretou na morte de nove jovens.

Neste sentido, o Estado cria base normativa do direito de matar, esta política foi denominada por Mbembe, (2018) de necropolítica, no qual para o autor é explicado pela atuação do Estado como poder soberano ao direito à vida, no sentido que o controle e soberania

não se restringe apenas ao território, mas também ao corpo, configurando-se assim o direito para matar.

Portanto, percebe-se que os jovens funkeiros vivenciam tensionalidades em várias esferas, que perpassam desde a construção de suas territorialidades até a esfera do corpo, no qual em ambas existe uma desvalorização e estigmatização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que nas últimas décadas a geografia tem construído debates e discussões sobre temas transversais e que não eram até então objetos de estudo da ciência geografia, percebendo um notável avanço em debates raciais, no qual é possível citar o campo de pesquisa denominado Geografias Negras, que tem como objetivo desvendar a dimensão racial do espaço. Outro avanço significativo, foi a adoção da concepção espacial nos estudos sobre juventudes, demonstrando que o espaço é elemento crucial das vivências juvenis.

O diálogo entre conceitos geográficos, juventudes e relações raciais são abordagens possíveis na Geografia, e assim voltamos nossos olhos para as diversas possibilidades presentes nessa área do conhecimento. A cidade, o corpo, o território moldam o espaço e conversam entre si, e cabe ao acadêmico voltar seu olhar e sensibilidade a questões como as apresentadas neste artigo, que são legítimas.

O movimento que a juventude funkeira realiza na Praça da Liberdade é legítimo e por nós é abordado como o popular, a praça é abordada como o simbólico. Essa manifestação cultural juvenil é signo e símbolo do diálogo entre o que é e o que pode ser feito quando a juventude negra se organiza e não se limita às fronteiras das periferias e ocupam a cidade e seus espaços públicos, elas produzem cultura.

As marcas que esses corpos trazem consigo e suas manifestações são maiores e mais significativas que os estigmas que os cercam desde o início de seu movimento, onde estão presentes conflitos, tensões a partir do movimento desses sujeitos para com o outro, mas que também refletem a esperança desses em si, em sua arte e em sua dança. Uma frase importante da Piccolo que gostamos de trazer para a escrita sobre os sujeitos funkeiros é que, “[...] o estigma conferido a estes jovens é justamente aquilo que lhes confere identidade: suas roupas, seus cabelos, suas gírias”(2004, p. 276).

Autores como Juarez Dayrell (2002, 2001) já tratavam do funk na cidade de Belo Horizonte no início dos anos 2000, as influências para que a manifestação da juventude funkeira em Belo Horizonte fosse trazida enquanto um tema de dissertação pairam o imaginário dos autores desde a infância, o funk de BH é potente e a juventude também.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Jorge Luiz. Territorialidades da Cultura Popular na Cidade do Rio de Janeiro. PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, p. 130-139, 2014.

CASSAB, Clarice et al. Representações na mídia da juventude e a produção do medo: experiência em uma cidade média brasileira. Finisterra, v. 51, n. 102, 2016.

CARDOSO, D.S.; **TURRA NETO**, N. . Juventude Cidade e Território: esboços de uma geografia das juventudes. In: I SEMINÁRIO DE PESQUISA JUVENTUDES E CIDADE, 2011, Juiz de Fora - MG. ANAIS ELETRÔNICO - I SEMINÁRIO DE PESQUISA JUVENTUDES E CIDADE, 2011.

CAVALCANTI, Lana S.Os jovens, a escola e suas práticas espaciais.In:CAVALCANTI, L. S.; PIRES, L. M. (Org.) ; CHAVEIRO, E. F. (Org.) . A cidade e seus jovens. 1. ed. Goiânia: Puc Goiás, 2015. 222p .

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação & Sociedade, v. 28, p. 1105-1128, 2007.

_____.A música entra em cena: o rap e funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como requisito à obtenção do título de Doutor em Educação Subárea de concentração: Estado, Sociedade e Educação Orientadora: Prof^a. Marília Pontes Sposito São Paulo Faculdade de Educação da USP 2001.

_____. O rap e o funk na socialização da juventude. Revista Educação e Pesquisa. V 28. São Paulo. 2002.

FACINA, Adriana. “NÃO ME BATE DOUTOR”: funk e discriminação da pobreza. Anais V ENECULT, 2009.

GUIMARÃES, Geny. F. Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial. Tese (Doutorado em Geografia). UFBA. Salvador:2015.

HAESBAERT, Rogerio. Território e multiterritorialidade: um debate. GEOgraphia, v. 9, n. 17, p. 19-45, 2007.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARVEY, David. A arte de lucrar: globalização, monopólio e exploração da cultura. In: MORAES, Dênis de (Org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 139-171.

HERSCHMANN, Micael (org) Abalando os anos 90, funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco:1997.

_____. O Funk e o Hip Hop invadem a cena, 2002.

MAIA, Rosemere Santos e **FORTUNA**, Carlos José Cândido Guerreiro. “CIDADE DEGENERADA? REFLEXÕES SOBRE SUA NATUREZA DEGRADADA EA (IM)PROPRIEDADE DA REGENERAÇÃO - DOI 10.5216/bgg.v36i3.44554”. *Boletim Goiano de Geografia*, vol. 36, n.º 3, dezembro de 2016, p. 482. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.5216/bgg.v36i3.44554>.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, v. 2, n. 32, 2016.

MCKERCHER, Bob; **DU CROS**, Hilary. Testing a cultural tourism typology. *The international journal of tourism research*, Chichester, v. 5, nº 1, p. 45-58, jan./fev. 2003.

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado/ Abdias Nascimento. - 1 reimpr. da 2. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2017.

OLIVEIRA, Éder Aguiar Mendes de. A imigração italiana e a organização operária em Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX. 2004. 93f. Monografia (Especialização em História) – Faculdades Integradas de Pedro Leopoldo, Centro de Pós Graduação, Pedro Leopoldo, 2004.

PASSOS, Daniela Oliveira Ramos. A formação urbana e social da cidade de Belo Horizonte: Hierarquização e estratificação do espaço da nova capital mineira. *Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG*, vol. 1, n.º 2, ago./dez. 2009.

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.

PEREIRA, J. A. (2017). Os herdeiros da “Fazenda Bom Sucesso” e a população negra na história de Belo Horizonte (MG). *História, histórias*, 4(8), 173–188. <https://doi.org/10.26512/hh.v4i8.10951>.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. Os jovens entre o morro e a rua: reflexões a partir do baile funk. In: **VELHO**, Gilberto (Org.). Rio de Janeiro: cultura, política e conflito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 30-58

RATTS, Alecsandro. Etnias e os outros: as espacialidades dos encontros/ confrontos. Espaço e cultura, UERJ, RJ n 17.18. p. 77-89. jan-dez de 2004.

ROSA, Crislaine Custódia. O funk na construção de identidade da juventude periférica: uma discussão a partir do funk mineiro. Anais do XIV ENANPEGE... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/83223>>. Acesso em: 20/05/2022 14:15

VIANNA, Hermano. O mundo funk carioca. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1988.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In Arantes, Antônio Augusto (org.). O espaço da diferença. Campinas, Papirus, 2000. pp 80-103.